

O jornalismo boêmio

Ribamar Fonseca

Jamais me passou pela cabeça, quando adolescente, tornar-me jornalista. Sequer lia jornal. Descobri a profissão quase por acaso, empurrado pela necessidade de trabalho. Aconteceu em Recife, logo após deixar o Exército, onde servi durante um ano. Soube que o "Diário da Noite" precisava de um desenhista e consegui ser contratado como ilustrador da página de esportes. Eu desenhava jogadores.

Ao retornar a São Luís um ano depois procurei emprego no "Jornal do Dia", onde ingressei como chargista político. O dono do jornal, deputado Alberto Aboud, fazia oposição ao governo e, seguindo sua orientação, o principal personagem das minhas charges era o então governador Newton Belo. Passei, porém, pouco tempo nessa atividade, porque o salário era muito

pequeno: eu recebia por charge publicada e nem sempre elas eram aproveitadas.

Manifestei a Alberto Aboud a disposição de passar à reportagem e, então, ele mandou Walbert Pinheiro, o secretário do jornal – o mesmo que editor-chefe nos tempos atuais – submeter-me a um teste de redação. Fui aprovado e me dediquei de tal modo, destacando-me como repórter, que em pouco tempo, com a saída de Walbert, assumi a chefia de redação com apenas 23 anos.

Foi a partir daí que comecei, efetivamente, o aprendizado da feita do jornal. Até então só sabia escrever. E tão logo terminava o trabalho na redação eu me transferia para a oficina, de onde só saía depois que o jornal começava a ser impresso, por volta das 5 horas da manhã. Foi na oficina que conheci um dos meus professores, o linotipista Sabiá.

Na época ninguém sequer sonhava com off-set e muito menos computação gráfica. O jornal era feito quase artesanalmente, os títulos montados letra por letra e os textos, transformados em chumbo, linha por linha. As linotipos, gigantescas máquinas de escrever em chumbo quente, ocupavam grande parte da oficina e poluíam o ar com fumaça tóxica. E os linotipistas, por isso, bebiam diariamente bastante leite fornecido pelo patrão para evitar a intoxicação.

Graxa e fuligem deixavam a oficina tão suja que ninguém conseguia sair limpo de lá. Foi no chão enegrecido que eu e o poeta Carlos Cunha rolamos de madrugada, numa briga que quase nos fez perder o emprego.

Tudo começou porque ele quebrou uma página pronta para ser impressa na velha rotoplana (quebrou é o termo adequado porque as páginas eram feitas de chumbo), contrariado com um

erro de revisão em sua coluna. Pedi-lhe explicações e acabamos "engatando", como se dizia naquele tempo. Ficamos negros de fuligem e graxa, ele mais do que eu porque usava um terno branco. E no dia seguinte Alberto Aboud, suando muito e baixando as grossas sobrancelhas sobre os olhos esbugalhados, passou-nos um pito. Tornamo-nos, depois disso, grandes amigos.

Fazer jornal naquele tempo era um verdadeiro sacerdócio. Não havia carro para a redação – os repórteres andavam de ônibus – as notícias do resto do país e do mundo chegavam por radiotelegrafia (a Asapress era uma das agências) e inúmeras vezes éramos obrigados a inventar notícias porque faltava matéria para fechar o jornal. Geralmente criávamos desastres terríveis, com vários mortos, na China, Japão, muito longe para que ninguém conseguisse comprová-los. Não havia televisão e

muito menos satélite ou Internet.

De um modo geral o jornal começava a ser impresso ao amanhecer e nos finais de semana já saíamos direto do prédio, à Rua de Santana, para o abrigo da Praça João Lisboa, onde enchíamos a cara de batida de limão.

O jornalista, naquele tempo, era um boêmio, assim como o gráfico. A profissão, na verdade, tinha um charme romântico. Nos períodos carnavalescos todo mundo que trabalhava em jornal tinha entrada franca nos bailes de máscaras, onde a cerveja rolava como água. Certa feita, saindo em grupo de um desses bailes de madrugada, fomos para a Zona atrás de comida – alimento, mesmo, porque naquele tempo só havia restaurantes abertos àquela hora, no meretrício. A comida, porém, demorou e um dos companheiros começou a quebrar pratos.

Formada a confusão chegou a

cavalaria da PM e só não fomos presos porque trabalhávamos em jornal.

Sabiá, que falava pelos cotovelos – *Papagaio* seria um apelido mais adequado – era meu companheiro de jornada. Eu morava na Cândido Ribeiro e ele na Fonte do Bispo. Como o caminho era o mesmo, seguíamos juntos todas as madrugadas, após o fechamento do jornal. Nas ruas desertas e silenciosas, ouvindo apenas o eco de nossos passos no paralelepípedo ou o latido longe de um cachorro, comentávamos os acontecimentos do dia anterior e o nosso trabalho escrivante, que nos prendia dentro de um jornal quase 24 horas.

– Companheiro – ele me dizia – acho que escolhemos a profissão errada...

E lá se vão 38 anos nessa profissão, que até hoje me fascina e não me deixa distante de uma redação, onde quer que eu esteja.